

OLIVEIRA, Francisco de. **Brasil**: uma biografia não autorizada. São Paulo: Boitempo, 2018

Guilherme Figueredo Benzaquen¹

O último livro de Francisco de Oliveira, intelectual que ficou conhecido nacionalmente como Chico de Oliveira, é uma justa homenagem ao autor. Aqueles que vêm acompanhando as análises de Oliveira não encontrarão novidades, porém em termos editoriais é muito importante que essa produção veiculada de forma dispersa esteja agora reunida em um mesmo livro lançado pela editora Boitempo. Apesar dos textos e trechos de entrevistas apresentados serem todos dos últimos vinte anos, a coletânea nos remete a um esforço de conceber uma “vida e obra” do autor. De certa maneira estamos diante de um livro que poderia se chamar Francisco de Oliveira: uma biografia autorizada. O verdadeiro título do livro, porém, se refere ao constatado por Fábio Mascaro Querido e Ruy Braga, autores da apresentação: Oliveira se apropria da história brasileira – dando a devida atenção aos dados factuais – para fazer uma incômoda crítica da persistência da desigualdade. O Brasil oficial não autoriza essa biografia crítica.

Antes de explorarmos cada um dos capítulos, é importante um elogio inicial à escrita de Oliveira que, desde seus textos clássicos, continua fluida e ácida. Muitas são as frases de efeito com diversas figuras de linguagem, mas que não se perdem em jogos estilísticos e conservam o rigor analítico. Além disso, em termos teóricos, é interessante notar que o autor recorre a um vasto repertório para estabelecer seu diálogo com o pensamento social brasileiro no intuito de analisar o cenário nacional. Nesse sentido, impressiona a capacidade de síntese e articulação entre diferentes autores e acontecimentos históricos.

¹ Doutorando em Sociologia pelo PPGS/UFPE. Mestre em Sociologia pelo IESP/UERJ.

A estrutura do livro é composta por uma apresentação, uma versão de um verbete para uma enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe, um capítulo de livro publicado em uma coletânea sobre o novo internacionalismo operário, quatro textos veiculados na revista *Piauí*, trechos de entrevistas dos últimos vinte anos e uma lista da produção bibliográfica completa do autor. É um conjunto diversificado e que compõe uma totalidade interessante. Em termos cronológicos, faz já algum tempo que foi publicado o texto mais recente – em 2012. Portanto, as opiniões sobre o Brasil pós-golpe só são discutidas brevemente em algumas entrevistas. Faz falta algum texto de Oliveira sobre o tempo presente, alguma de suas análises de conjuntura que aliam ao mesmo tempo nitidez e criticidade.

A apresentação do livro é um recorrido por sua trajetória política e intelectual. Os autores conseguem demonstrar bem a tese de que as formulações teóricas de Oliveira estão relacionadas com a história brasileira ao analisarem as inflexões concomitantes nas duas esferas. É importante destrinchar essa trajetória porque nos contextualiza para o momento atual do autor. A história ao qual somos apresentados começa com um cientista social pernambucano que teve que se aproximar da economia por conta do parco mercado de trabalho na região. Um momento de inflexão na sua trajetória foi a sempre lembrada experiência na Sudene ao lado de Celso Furtado. Experiência que foi interrompida com a ditadura, período no qual o autor se foca no trabalho intelectual. Já em São Paulo, Oliveira se engajou no Cebrap que teve a importância de o vincular à tradição uspiana e de o afastar relativamente das formulações cepalinas. Somos lembrados aqui do texto seminal de Olivera. Em “Crítica da Razão Dualista”, ele polemiza com importantes interpretações formuladas na época, a saber, da estagnação e da revolução burguesa, e defende a tese de que o “atraso” de determinadas conformações econômicas eram funcionais para o desenvolvimento. Para além disso, esse texto é importante por enfatizar os aspectos internos que influenciavam a estrutura econômica do país, em vez de privilegiar os fatores externos, como fazia a teoria da dependência.

Na década de 1980, Oliveira aposta no PT e se aproxima da social-democracia quando passa uma temporada na França. Sua aposta se baseava na ideia de que a política poderia regular as desigualdades surgidas com o desenvolvimento do capitalismo. Aqui a influência de Polanyi é importante, principalmente no relativo à perigosa mercantilização desmensurada do trabalho, da terra e do dinheiro. Nesse momento, Oliveira via como possibilidade de freio do neoliberalismo muito mais as lutas no Estado do que as dos movimentos sociais. Em 1995 temos mais um importante marco, ele rompe com o Cebrap e funda o Cenedic. A repressão na

imposição do neoliberalismo por FHC é concomitante ao abandono de Oliveira da aposta social-democrata.

Com o início do governo Lula e sua reforma da previdência, Oliveira se desliga do PT. O autor percebe o efeito nefasto do governo petista para a participação política. Para ele, era uma época de um país sem rumo, que não deixava de ser subdesenvolvido e nem se tornava desenvolvido: um “Ornitorrinco”. Essa posição formulada no começo do primeiro governo de Lula não é abandonada e Oliveira segue criticando em “tom trágico” as políticas lulistas. Essa tonalidade pessimista aproximou-o de Roberto Schwarz e Paulo Arantes. Juntos, representam a necessidade de uma crítica do tempo presente, que não capitula ao estreito horizonte de expectativas do mundo contemporâneo. É esse último Francisco de Oliveira que escreve nos textos dos próximos capítulos.

No primeiro artigo, intitulado “O adeus do futuro ao país do futuro: uma biografia breve do Brasil”, Oliveira oferece um panorama da história brasileira que, apesar de sucinto, é uma bela sistematização crítica. Ele dialoga com os principais teóricos do desenvolvimento do capitalismo no Brasil demarcando suas alianças – algumas pontuais como o Fernando Henrique Cardoso sociólogo – e seus distanciamentos. O pleno domínio da história brasileira e dos debates a seu respeito faz com que o autor consiga fazer as devidas concessões elogiosas a alguns atores e eventos sem perder o tom crítico. A história que o autor constrói busca dar conta é a dos processos econômicos e políticos, dando um enfoque especial para a população que constrói e é construída por esses processos. Merece destaque o tópico em que ele localiza o Brasil na América Latina pensando as especificidades e semelhanças com outros países da região. Em relação à história recente, Oliveira defende que vivemos, desde a Revolução de 30, um período desenvolvimentista que foi interrompido pelo governo de Collor de Melo: é o início do ciclo neoliberal. Esse texto é escrito em 2006 e, para o autor, o governo Lula representava a continuidade do período neoliberal, principalmente em questões econômicas. Oliveira defende que ao contrário de um Estado mínimo, se viveu nesse período um Estado máximo que se esforçava para que os capitais obtivessem o máximo de lucro possível. Por isso, o neoliberalismo não prescindiu da política, mas seu resultado social foi produzir uma virtual irrelevância da política. Em termos gerais, esse texto lembra outro escrito dois anos depois e também publicado pela Boitempo, “A noiva da revolução”, que apresenta um Recife poético em uma demonstração da importância dos ensaios para a teoria social.

O segundo artigo, “Quem canta de novo *l’Internationale?*”, é uma análise do sindicalismo brasileiro desde a sua atuação na ditadura. O foco está em São Paulo, porém, o autor contempla de forma secundária outras experiências. Oliveira inicia o texto defendendo que a atuação do movimento sindical na ditadura criou uma cultura política não insurrecional. Na queda da ditadura e abertura da Nova República, o sindicalismo se vê numa guerra de posições em que se fortalece com a criação da CUT e da CGT. Com a CUT cresce a relação entre o sindicalismo e a esquerda organizada, principalmente em torno do PT. É o tempo da abertura para um internacionalismo mais efetivo. Porém, novamente permeia o artigo o tema do bloqueio da política, inspirado em Rancière, uma tese que serve para Oliveira estruturar suas reflexões sobre o ciclo neoliberal.

A seguir vem uma análise das eleições para o segundo mandato de Lula. É interessante que apesar de algumas constatações localizadas historicamente e que pecaram em alguns prognósticos, Oliveira fornece, no terceiro artigo, um retrato dos últimos anos no Brasil que nos permite compreender o país hoje. “Hegemonia às avessas” foi o conceito utilizado por Oliveira para dar conta da capacidade do PT de impor o programa dos dominantes como sendo dos dominados. O uso desse conceito por Oliveira se popularizou, porém, nos parece necessário uma atualização depois do golpe de 2016, pois a dominação está cada vez mais escancarada e tem recorrido pouco ao apoio dos dominados. Apesar disso, ele acerta no fato da hegemonia às avessas do PT ter se construído em cima de aparências e isso mostrou claramente sua fragilidade. Já em 2007 ele sistematiza bem os problemas e contradições que cercam o PT ainda hoje. Uma crítica que é urgente, apesar dos adeptos do partido muitas vezes a menosprezarem como sendo um apoio indireto à direita.

O quarto artigo, “O avesso do avesso”, é um texto de crítica aos governos Lula. A tese principal é que Lula não falhou ao não ser revolucionário, ele falhou ao não ser nem reformista. Esse é um artigo de intervenção na conjuntura de então e repete as teses centrais de Oliveira: um bloqueio da política, representada estatalmente pela administração das políticas sociais, que tem relação com uma preponderância nefasta do mercado. Nesse contexto, por um lado, o operariado vai cedendo lugar aos “seus irmãos informais”, por outro lado, as classes dominantes transformam-se em gangues que se valem das práticas mais imorais e ilegais para garantirem seus privilégios. Seria a hora de atualizar a discussão de Marx e perceber que o sistema capitalista é de exploração, mas também de roubo. “O capitalismo globalitário avassala todas as instituições, rompe todos os limites, dispensa a democracia” (131). Esse artigo é complementado pelo seguinte. Em “A clonagem”, Oliveira

faz uma análise bem sucinta da primeira eleição e começo do mandato de Dilma. A analogia central é a de que Lula se clonou na figura de Dilma Rousseff, porém isso tem problemas porque os clones têm vida curta. Oliveira mantém sua crítica aos programas assistencialistas dos governos do PT e atribui as crises que Dilma estava enfrentando no seu primeiro mandato ao “artificialismo da coalizão de interesses que Lula da Silva armou” (135).

Ao pensar em questões como caráter nacional e subjetividade, o último artigo destoa um pouco dos outros. Porém de fundo ainda está em “Jeitinho e jeitão” uma crítica da reprodução do capitalismo. É o texto em que Oliveira mais analisa questões culturais. Em um diálogo direto com as interpretações do jeitinho no pensamento social brasileiro, Oliveira defende a tese de que “o jeitinho é um atributo das classes dominantes brasileiras transmitido às classes dominadas” (139). Ao invés de interpretar a burla como questão de mau-caratismo, ela é vista como uma forma do capitalismo periférico se reproduzir. O jeitão das elites e o jeitinho dos dominados estão em consonância com a contradição entre forças produtivas e soluções formais de civilidade.

Por fim, os trechos de entrevistas editados por Querido são um interessante fechamento para a coletânea. Neles novamente lidamos com uma mistura da história pessoal do autor e de seus posicionamentos intelectuais. É preciso elogiar o esforço crítico de Oliveira, um esforço que não se conforma com as críticas hegemônicas. Em algumas passagens encontramos posicionamentos polêmicos em um momento que a esquerda nacional fala constantemente em unidade, por exemplo: a crítica recorrente ao Lulismo, ao PSOL e a previsão do fim do MST. Porém esse esforço crítico é um constante lembrete à esquerda nacional que nenhuma unidade é possível sem diálogo e que o diálogo leva a um questionamento daquilo que para alguns está dado. Francisco de Oliveira tem o mérito de um olhar não condescendente que não se furta a reconhecer e divulgar os erros da esquerda nacional. Isso é importante mesmo – e talvez principalmente – em tempos de tamanhos retrocessos. A lição que nos ensina é que não é nos poupando de um olhar acurado que iremos reagir, mas sim nos colocando também como alvo – e isso vale sobretudo para os governos do PT. Tamanha lição não encontraríamos se o livro se chamasse Brasil: uma biografia (autorizada).

Recebido em xxxxxxxx de 20xx
Aprovado em xxxxxxxx de 20xx